

ECOS SAUDOSOS
 OUVIDOS NA CAPITAL PORTUGUEZA
 NA PASSAGEM A MELHOR VIDA
 DO ILLUSTRE CONSELHEIRO
 O SENHOR
**ANSELMO JOSE' DA CRUZ
 SOBRAL,**
 &c. &c. &c.

RECOLHIDOS E OFFERECIDOS
 A SEU ILLUSTRE FILHO
 O SENHOR
SEBASTIÃO ANTONIO DA CRUZ SOBRAL,
Do Conselho de Sua Magestade,
 &c. &c.

A P R E S E N T A D O S
 NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA VIDA
 DA VILLA DE SOBRAL,
 DE QUE HE SENHOR DONATARIO,
 POR OCCASIÃO DAS SOLEMNES EXEQUIAS
 POR HUM DOS SEUS MAIS OBRIGADOS.



21

L I S B O A
 NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
 A N N O M. DCCGII.
Por Ordem Superior.

Tu decus omne tuis.

Virg. Eclog. 5.

ANNO M. DCCLII.

Per Ordinem Superiorum.



ELEGIA.

N Umen do pranto, Numen da tristeza,
 Tu, que tinges de escuro a fantasia,
 Que opões a Eternidade á Natureza,

Por meus versos esparge a côr sombria,
 A côr dos corações, dos pensamentos
 No ponto acerbo, que nos sóme o dia.

Ais solitarios, miseros lamentos
 As trévas firão do silencio antigo,
 Que reina entre o pavor dos Monumentos;

De honrosas, caras Cinzas ao Jazigo
 Co'a luz, que a todos patentêa o Nada,
 Me guia, ó Desengano: eu vou contigo.

De hum a outro Universo ah! Eis a estrada;
Por milhões, e milhões dos frageis Entes
Desde a infancia dos Seculos trilhada.

Eis o terreno de fataes sementes,
Donde sóbe amargoso, e negro fruto,
Eis a méta infallivel dos viventes.

Triste marmore alli, polido, ou bruto,
Recata estrago, horror: na feia estancia
A Grandeza he miseria, o Fausto he luto.

Difrenças da Humildade, e da Arrogancia
O teu nivel, oh Morte, alli supprime,
Cessa entre os Grãos quimérica distancia.

Da virtude sómente o Dom sublime
Do Heroe, do justo alli doura a memoria,
Como opaca memoria enluta o crime.

Abysmos da existencia transitoria,
No immenso, no voraz, no horrivel seio
C'o a vida não forveis a humana gloria.

(5)

Esteio em corações, na Fama esteio
 Logra, domando o Tempo, a Inveja, o Fado,
 Grão ser, que volve aos Astros donde veio.

Despojo de Sobral, Despojo amado,
 Em quanto a Gratidão luzir na Terra,
 Serás de ingenuas lagrimas honrado.

Debalde avaro Tumulo te encerra,
 Debalde a Lei mais dura, em ti cumprida,
 De teus faudosos lares te desterra.

No extremo a Deos, na eterna despedida
 Ganhaste ao Tempo seu feroz direito,
 Perdeste o Mundo, e renovaste a vida.

Da Essencia, e da Materia o nó desfeito
 Deixou teu nome intacto, eximio, puro,
 Brilhar nas sombras do funéreo leito.

A mesta viuvez, de manto escuro,
 A fofinha, miserrima orfandade,
 Medrosas do Presente, e do Futuro,

A ti, ao Bemfeitor da Humanidade,
Nos castos Domicilios consagrário
Prantos ferventes, cordeal faudade.

Teus feitos immortaes, que a Patria ornárão,
Que em perennal delicia hum Deos premeia,
De terna gratidão na voz foárão.

Do Globo inficionado, oh Mente alheia,
Oh Alma, tão diversa, e tão lustrosa
Dos Entes na longissima cadeia!

Tão bella como o Olympo que te gofa,
Tão justa quanto o soffre a Natureza,
Mil vezes fraca, infana, ou criminola!

Dos Homens commettendo a summa empreza,
Util viveste ao Mundo, e só fundaste
Em teu grande caracter a grandeza;

Exerceste a Virtude, os teus honraсте,
E sofrega anhelando os Atrios de ouro,
Nas azas da Esperança aos Ceos voaste.

(7)

Negra filha da Noite, Ave de agouro
 Apontar-te não foi co'a voz funesta
 O rasto vil de posthumo desdouro;

Moral gangrena, que a Opulencia empesta,
 Jámais te corrompeo, jámais: qual foras
 Nas eras de ouro, reluzias nesta.

Virtudes efficazes, bemfeitoras
 Enchêrão sempre teus vitaes espaços,
 Illesos das idades tragadoras;

Quando, ferrenhos, tumidos, escaços,
 Apenas homens são, e impõem de Numes
 Baixos Lucullos, despreziveis Crassos,

Que, da curva indigencia entre os queixumes,
 Se enlevão, com apathica surdeza,
 Da ventura infiel nos fatuos lumes.

Espirito feliz, que da baixeza
 Do terreo Globo te elevaste ao clima,
 Donde crês tenue ponto a redondeza:

Se attentas nos Humanos, lá de cima,
Chorosos Corações, que a dor anceia,
Com teu reflexo fortalece, anima;

Daquella, com que Amor inda te enleia,
Daquelle, a que a Ternura inda te prende,
A' gloria tua o pensamento alteia.

Na lugubre Conforte a idéa accende
Do Olympico Prazer, na Prole amada
A rigida constancia ao termo estende;

Entorna da estellifera Morada
Nectar piedoso, que a afflicção lhe adoce,
E n'uma, e n'outra face amargurada
Só jubilo celeste o pranto engrosse.

Por Manoel Maria Barboza du Bocage.

(9)

SONETO.

Cingida a frente de Cypreste triste
 Lagrimosa Sobral a voz levanta:
 Quem póde resistir á magoa tanta?
 Já o Piedoso Anselmo não existe?

Nas azas da Virtude ao Ceo subiste
 Alma, que habitas na morada Santa;
 A morte o que he caduco só quebranta,
 A Caridade intrepida resiste.

Mas ai que ao ver que Anselmo se aniquilla,
 Pranteia-se a Viuvez, e a Orfandade,
 Já não póde valer-lhe, nem ouvilla.

Perdoa, filho Illustre, esta faudade:
 Como o não chorará a sua Villa,
 Se o chorão tantas gentes na Cidade?

Ao Illustrissimo Senbor Conselheiro Sebastião Antonio Sobral, na occasião das Exequias, que mandou fazer na Villa do Sobral, de que he Senbor.

S O N E T O.

Heroe filho de Heroe, que ao Culto Pio
Unes as preces de mil ais cortadas,
Permitte que ellas vão acompanhadas
Das da Villa, de que has o Senhorio.

Se o Ceo deixou cortar o antigo fio,
Em ti ficou a teia conservada:
E a Caridade assim continuada
Faz do Pai, e do Filho o Elogio.

Esmolas por festões, e orações puras
Cingem a Urna com maior grandeza,
Que vãos troféos, guerreiras armaduras.

Só tu choras as honras, e a riqueza!
Quanto ao Pai da tua Patria não auguras,
Se honras assim o Pai da Natureza.

Ao mesmo Assumpto

Por differentes Authores.

SONETO.

DEsgrenhada Pobreza macilenta
Com rouca voz, e os olhos aggravados,
Carpía entre montões d'esfarrapados,
Quando a Morte de Anselmo se apresenta.

Subito todo o Ceo de côr cinzenta
Eu vi, e a terra, e os ares enlutados,
Os filhos, os amigos, os criados
Tudo se afflige, e chora, e se lamenta.

Desfaz-se o negro pó, luz a verdade:
O Cofre das esmolas lhe valêra
A Penitencia, as Obras de Piedade.

Colhe o fruto do bem que afsás fizera;
E alcançando outros bens da Eternidade,
Torna a ser para nós quem dantes era.

Morroo o Anselmo, e deixou
 Hum vacuo na Natureza,
 Pois de su'alma a grandeza
 Nenhum modelo deixou.
 Sempre o infeliz achou
 Remedio nelle a seu mal,
 Morreo porque era mortal;
 Mas se morreo como os mais,
 Suas accões forão tais,
 Que o farão sempre immortal.

Que será do desgraçado,
 Seu Protector acabou?
 Mas já sabe o que lucrou
 Nos bens que lhe tinha dado.
 O pobre fica pasmado,
 E não faz mais que gemer,
 Se acaso intenta saber
 De sua futura forte,
 Acha, que de hum só a morte,
 Deixa muitos a morrer.

(13)

Perde o pobre a paciencia,
Entra de novo a chorar;
Até que se vai lançar
Nos braços da Providencia.
Pede aos Ceos alta clemencia;
Pede hum novo coração,
Que com menor compaixão
Do que aquelle que perdia,
Algum remedio daria
A' sua consternação.

S O N E T O.

SUspende o triste pranto de faudade,
Descontente Lisboa, e conjectura,
Que este Heroe que hoje encerra a sepultura
Foi gozar da maior felicidade.

Ao Templo da sagrada Eternidade
Deixa nome immortal, grande ventura!
Lamenta a perda o pobre com ternura
As producções da sua Caridade.

Quando, Lyfia, terás dentro em teu seio
Outro Anselmo, outro peito tão preclaro,
De brilhantes Virtudes sempre cheio?

Da pobreza morreo o illustre amparo,
Tyranna confusão do meu enleio;
Mas no filho deixou o seu reparo.